

**6CCHLADPOUT01****A LUTA PELA SAÚDE NAS ESCOLAS: O OBSERVATÓRIO COMO DISPOSITIVO DE PROMOÇÃO DA SAÚDE A PARTIR DOS LOCAIS DE TRABALHO**

Heddylamarr Rosas de Melo Filha (1); Mary Yale Rodrigues Neves (3); Edil Ferreira da Silva (4); Mônica Rafaela de Almeida (2); Francecirly Alexandre dos Santos (2); Cinthia Lopes dos Santos (2); Julianne Patrícia Leiros da Silva (2); Carolina de Andrade Rodrigues (2); Neliane Lima de Santana (2); Wises Albertina Chaves da Cunha (2); Érica Fabrícia Coutinho Lucena (2); Edilane da Silva Freitas (2); Fabricia Keila Oliveira Leite (2); Luísa Elena Costa de Oliveira (2)

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Departamento de Psicologia/Outros

**Resumo**

O Programa de Formação em Saúde, Gênero e Trabalho, a fim de implementar melhorias nas condições de trabalho e saúde dos (as) trabalhadores (as) das escolas municipais de ensino fundamental de João Pessoa, promoveu o monitoramento contínuo e autônomo destas condições, além de considerar também as relações de gênero entre os profissionais (merendeiras, auxiliares de serviço, diretores (as), professores (as), auxiliares de secretaria e vigilantes) das escolas mencionadas. Foram propostas algumas formas de buscar a melhoria das condições de saúde, entre elas, a constituição de comissões de saúde que se responsabilizem pela notificação das queixas dos (as) trabalhadores (as), pensando junto com eles em soluções para as dificuldades encontradas. A observação sistemática das atividades destes (as) profissionais e das conseqüências que elas promovem em sua saúde (física e/ou mental) foi o que possibilitou a compreensão da complexidade implicada na situação de trabalho. O mapeamento feito com a participação dos (as) trabalhadores (as), como complemento da observação sistemática, pôde demonstrar os fatores de risco aos quais estes (as) estão sujeitos (as). Este Programa de Formação tem o embasamento teórico-metodológico da Ergonomia da Atividade (Guérin et al., 2004), da Psicodinâmica do Trabalho (Dejours, 2004), do Modelo Operário Italiano de produção de conhecimento sobre saúde e trabalho (Oddone et al., 1986) e da perspectiva das relações sociais de gênero (Brito et al., 2003). Ele proporciona assim, a abertura de um espaço onde os profissionais envolvidos podem discutir propostas e soluções para seus problemas, demonstrando com isso, até mesmo com algumas dificuldades enfrentadas, a eficácia deste modelo na produção de conhecimento e na sua atuação dentro do campo de saúde do trabalhador.

**Palavras-Chave:** profissionais; condições de trabalho; saúde do trabalhador; dificuldades.

**Introdução**

O projeto intitulado “Programa de Formação em Saúde, Gênero e Trabalho nas Escolas” tem como objetivo geral intervir na problemática das condições de saúde e trabalho das

<sup>1)</sup> Bolsista, <sup>(2)</sup> Voluntário/colaborador, <sup>(3)</sup> Orientador/Coordenador <sup>(4)</sup> Prof. colaborador, <sup>(5)</sup> Técnico colaborador.

escolas públicas de ensino fundamental do município de João Pessoa-Pb, através de ciclos de formação de trabalhadores/as para a sua autodefesa e desenvolvimento de uma metodologia de monitoramento das condições de saúde e trabalho, incorporando as relações de gênero (Brito et al., 2003).

Este Programa vem se desenvolvendo a partir de um projeto interinstitucional e interestadual, em que estão envolvidas a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Osvaldo Cruz - FioCruz. O Programa surgiu da necessidade de intervenção sobre a problemática da saúde de trabalhadores/as de escolas públicas e tem como perspectiva articular o ensino, a pesquisa e a extensão. Na Paraíba, o Grupo de Pesquisas Subjetividade e Trabalho (GPST) da Universidade Federal da Paraíba é o responsável pelo seu desenvolvimento, atuando em parceria com o Sindicato de Trabalhadores das Escolas Municipais (SINTEM).

Com o objetivo de formar, sistematicamente, multiplicadores/as trabalhadores/as e sindicalistas da rede pública municipal de ensino na temática “saúde, gênero e trabalho”, este programa foi pensado em três etapas. A primeira etapa, já concluída, consistia em um curso que envolveu apresentação e discussão de resultados de estudos já realizados, de informações científicas de temas selecionados e de uma discussão de questões da experiência prática dos/as trabalhadores/as. Esta etapa também abrangeu um processo de alternância entre uma coleta de informações realizada pelos/as trabalhadores/as sobre os temas em questão nos seus respectivos locais de trabalho, além de quatro encontros mensais para relato e discussão dos dados coletados.

A segunda etapa, também já concluída, consistiu na multiplicação desta formação pelos/as trabalhadores/as participantes deste Programa, reproduzindo a metodologia utilizada na primeira etapa (curso e alternâncias), com a diferença de que nesta segunda etapa os/as multiplicadores/as tiveram, junto com a equipe formadora, o papel de formadores/as. O grupo inicial foi composto por quinze trabalhadores/as, tendo ao final da primeira etapa três desistências, ficando, portanto, doze trabalhadores/as implicados/as na multiplicação desta formação. Este grupo de doze trabalhadores/as se dividiu em dois, formando duas equipes de seis trabalhadores/as, responsáveis por convocar novos/as participantes para o Programa. Este foi o momento de início, de fato, da multiplicação, na medida em que o grupo dividido em duas equipes possibilitou a realização de mais dois cursos e quatro alternâncias.

O Programa encontra-se hoje em sua terceira fase. Esta etapa consiste na implantação de um Observatório nas escolas do município de João Pessoa, com o objetivo de inserir os trabalhadores em um sistema de monitoramento contínuo e permanente, por parte deles mesmos, das suas condições de trabalho e saúde, levando em consideração a realidade específica de cada escola.

## **Implantação do Observatório das Condições de Saúde e Trabalho**

Durante o último ano o observatório foi implantado nas escolas Santos Coelho e Francisca Moura, sendo que mais três escolas já participaram. Na primeira escola o observatório envolveu os professores e na segunda foi feito o levantamento das condições de saúde e trabalho das merendeiras, auxiliares de serviço e docentes.

O presente trabalho se atém ao relato das atividades do projeto de extensão desenvolvido na segunda escola referida.

### **Escola Francisca Moura (FM)**

A escola Francisca Moura atende a uma demanda de 535 alunos. Destes, 177 foram matriculados no turno da manhã, 183 no turno da tarde e 175 no turno da noite. Os alunos que frequentam esta escola possuem um nível sócio-econômico baixo, residindo, em sua maioria, no próprio bairro ou em bairros próximos.

O quadro funcional da escola FM é composto de trabalhadores/as efetivos e prestadores de serviços. No seu quadro de servidores possui 30 professores/as, 5 merendeiras, 7 auxiliares de serviço, 5 agentes administrativos e outros.

O processo de implantação do Observatório na Escola Francisca Moura iniciou-se com um encontro, que ocorreu no dia 05 de março de 2007, nos três turnos, contando com a participação da diretora adjunta da escola, também multiplicadora, e os funcionários de cada horário. Na ocasião, a coordenadora do projeto informou a todos sobre o programa de formação e seus objetivos nas escolas do município onde tem sido desenvolvido.

Junto à apresentação, foi lançada também a proposta de se formar comissões de saúde, um grupo de trabalhadores dispostos a debater, repensar e lutar pela melhoria das situações que possam ameaçar a sua saúde de todos. Após essa reunião inicial do observatório deu-se início às atividades de monitoramento das condições de trabalho da escola. Neste sentido, foram analisadas as atividades dos profissionais da escola e levantados os fatores de risco do ambiente de trabalho.

Para fazer a análise da atividade foi escolhida inicialmente a técnica de visitas semanais, essas visitas eram feitas por alunos do projeto que gradativamente foram criando uma maior aproximação dos funcionários.

Os alunos foram divididos em três equipes, cada uma responsável por uma categoria diferente (professores, merendeiras e auxiliares de serviço). As primeiras idas dos alunos até a escola serviam para lembrar os trabalhadores os objetivos do programa, esclarecer dúvidas e proporcionar um melhor relacionamento com os mesmos, no intuito de facilitar a coleta de dados futuros que seriam substanciais ao trabalho em construção.

Após as primeiras visitas, os estudantes passaram à fase de aplicação de outras técnicas, mas somente após negociação e aceitação dos trabalhadores em se submeterem a observações detalhadas durante toda a sua jornada de um dia de trabalho, ou ainda sua disponibilidade em outros momentos. Depois da realização das observações sistemáticas, foi a vez da construção do mapeamento de risco, onde cada uma das categorias, diante do esboço de uma planta alta do seu ambiente de trabalho (sala de aula, cozinha ou ainda toda a escola), apontavam os diferentes riscos que aquele local os oferecia diariamente, à medida que apontavam os seus sintomas e as possíveis soluções. Esse material foi analisado pelos funcionários de cada um dos turnos, e somente aqueles pontos comuns a todos da categoria foram validados e incluídos no mapeamento final.

Todo o material levantado na escola era semanalmente discutido pelos alunos nas reuniões sistemáticas do núcleo, esse espaço permitia a exposição dos dados coletados e a devida orientação do que fazer com eles. Além de supervisão, esses momentos serviam de reflexão para lidar com situações e resultados inesperados. Por força da discussão dos resultados no núcleo percebemos a necessidade de convocar a direção da escola para refletir sobre determinadas situações encontradas antes de promover a devolução dos dados.

Esta ocorreu na Universidade, na sala do GPST, no dia 17 de agosto de 2007, no período da manhã e contou com a participação da Diretora Adjunta e multiplicadora da escola FM. Achou-se conveniente marcar uma reunião fora do ambiente de trabalho da convidada, com o intuito de esclarecer alguns aspectos acerca da dinâmica de trabalho dos funcionários da sua escola.

## **Resultados e discussão**

A análise da atividade dos professores mostrou que o seu trabalho se processa de forma sofisticada e bastante variável. Verificou-se que os professores realizam bem mais atividades do que estava prescrito. Devido à situação de trabalho os professores queixam-se de: problemas de garganta, dores nos braços e nas costas (por esforço de escrever no quadro). No que tange a categoria das merendeiras foi possível detectar condições de trabalho precárias como o calor dentro da cozinha, risco do botijão de gás dentro da cozinha e sinais e sintomas de problemas de saúde, como: dores nos braços e costas (por movimentos repetitivos de mexer panela) e nas pernas (por passar muito tempo em pé). Já os auxiliares de serviço prestam queixas referentes à: contato com insetos, problemas com produtos químicos. É comum a todos esses profissionais apresentar também comprometimentos da sua saúde psicológica, é o que ocorre com desenvolvimento do estresse, seja por pressões para o cumprimento de tarefas, seja pela carência de material de trabalho, ou ainda as duas coisas.

A escola FM demonstrou-se peculiar por apresentar um alto índice de queixas referentes ao acúmulo de atividades em várias funções e conseqüente fadiga física e mental. Devido ao

afastamento de um número significativo de funcionários da cozinha e da limpeza, houve uma mobilização do restante dos trabalhadores (desde a direção, até os vigilantes) para desenvolver regulações a fim de realizarem suas atividades diárias em tempo hábil. Assim, a merenda normalmente é servida com a participação de todos. A mesma cooperação também ocorre no desempenho das tarefas de outras categorias como dos auxiliares de limpeza.

Observa-se, portanto, a constituição de um coletivo de trabalho ampliado, trabalhadores que concorrem a uma *obra comum* (CRU,1986). Os trabalhadores por iniciativa própria tomam *iniciativa e auto-regulação* o trabalho.

Baseando-se na idéia de Brito (2003), de que o tempo inteiro trabalho e saúde encontram-se relacionados entre si, embora perceber isso não seja simples, essa escola nos chama a atenção porque o seu modo de funcionamento é degradado, ou seja, possui uma situação de trabalho que predispõe a adoecimentos físicos e psíquicos. As regulações desenvolvidas ao longo do tempo tornaram-se agora insuficientes como estratégias para a manutenção da saúde.

Por outro lado, a escola FM permite o engajamento e o uso da subjetividade o que leva os profissionais a considerar o trabalho uma fonte de prazer. Os professores citam como fontes de prazer: as trocas de informações entre os pares; o apoio e a liberdade da direção da escola na realização de seus projetos; a abertura da direção que trabalha em conjunto com os/as professores/as; o que a atual gestão do município tem feito, dando assistência às escolas; a troca de experiências com os alunos; o bom relacionamento com os pares; o reconhecimento e valorização do trabalho deles por parte da direção, pais e alunos; quando há o desenvolvimento de trabalhos práticos com os alunos; quando realiza 70% dos seus objetivos, vendo que o aluno aprendeu o que explicou e observar o progresso e desenvolvimento de alguns alunos.

## Referências

BRITO, J. et al. Cadernos de Textos: Programa de Formação em Saúde, Gênero e Trabalho nas Escolas. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPb, 2003.

CRU, D. Coletivo e trabalho de ofício; sobre a noção de coletivo de trabalho. In. Plaisir et souffrance dans le travail. Séminaire Interdisciplinaire de Psychopathologie du travail. Paris: AOCIP, 1987. Tome 1. p. 43-49.